Revista Perspectivas Sociais
ISSN 2317-7438
DOI:

Artigo

Discursos políticos, memórias e monumentos públicos socialistas na Bulgária: análise em uma imagem e mil palavras

Robson Lins Souza Damasio de Oliveira *
Alinie Nascimento **

Resumo
Este artigo analisa o Monumento Buzludzha, construído na Bulgária durante o período socialista, examinando como sua materialidade arquitetônica e seu programa iconográfico operam como uma forma de discurso político, articulando memória e poder. A análise busca situar o monumento no quadro das transformações históricas da Bulgária, um período marcado por uma profunda instabilidade na identidade nacional, implicando em formas antagônicas de se compreender o passado do país, bem como de se vislumbrar seu futuro. Mobilizando autores do campo da análise do discurso e da memória social, demonstra-se que o monumento funciona como um texto ideológico, cuja forma e inscrição espacial buscam naturalizar significados hegemônicos sobre a história do país. O monumento é discutido também como a tentativa de se conformar um suporte para a memória coletiva, criando uma coerência narrativa e imagética que vinculasse a história do Partido Comunista Búlgaro à história nacional búlgara. Por fim, exploramos como o fim do socialismo no país ativou formas conflitantes de memória e discursos, fomentando movimentos de reforço, negação e transformação de seu significado, culminando na própria discussão sobre a manutenção ou destruição dos monumentos públicos construídos no período socialista.

Palavras-chave: Discurso. Memória. Monumentos Públicos. Pós-Socialismo.

Political Discourses, Memories, and Socialist Public Monuments in Bulgaria: An Analysis in One Image and a Thousand Words

Abstract
This article examines the Buzludzha Monument, built in Bulgaria during the socialist period, analyzing how its architectural materiality and iconographic program operate as a form of political discourse that articulates memory and power. The analysis situates the monument within the broader context of Bulgaria's historical transformations, an era marked by profound instability in national identity, which generated antagonistic ways of understanding the country's past as well as envisioning its future. Drawing on authors from the fields of discourse analysis and social memory, the article demonstrates that the monument functions as an ideological text whose form and spatial inscription seek to naturalize hegemonic meanings about the nation's history. The monument is also discussed as an attempt to establish a support for collective memory, creating a narrative and visual coherence that linked the history of the Bulgarian Communist Party to the national history of Bulgaria. Finally, we explore how the end of socialism in the country activated conflicting forms of memory and discourse, fostering movements of reinforcement, denial, and transformation of its meaning, culminating in ongoing debates about the preservation or destruction of public monuments built during the socialist period.

Keywords: Discourse. Memory. Public Monuments. Post-Socialism.

* Doutorando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo.
E-mail: robson.lins.oliveira@usp.br

** Graduanda no curso de Letras na Universidade de São Paulo.
E-mail: alinie.nascimento@usp.br

No presente artigo exploraremos a possibilidade de se analisar monumentos públicos como forma de materialização da memória e construção do discurso. A pesquisa nasce de um semestre que passamos na Bulgária, em um programa oferecido pela Universidade de São Paulo em convênio com a Universidade de Sófia. Nesta oportunidade, travamos contato com professores e colegas estudantes, assistimos aulas sobre Teoria do Discurso e realizamos conversas e debates sobre monumentos socialistas construídos na região balcânica. Durante o período, viajamos pela Bulgária, visitando e registrando diversos monumentos. Notamos como tanto a população local, quanto visitantes, articulavam formas distintas de percepção dos monumentos em suas dimensões de significado e de significante, ou seja, tanto em relação à simbologia veiculada, quanto em relação aos seus respectivos estados de conservação – ou não conservação, em alguns casos.

Após muitos debates e muita reflexão, percebemos que monumentos e memórias eram constantemente articulados por meio do discurso, aqui entendido como uma forma de prática social (Fairclough, 1989) e um meio de comunicar e reproduzir ideologias (Van Dijk, 1998). Nesse sentido, o estudo de monumentos públicos é um campo fértil para se perceber como projetos hegemônicos são constantemente reforçados, disputados e transformados. Tal fenômeno é ainda mais perceptível em contextos de sociedades em transformação, como no caso de países pós-socialistas cuja apreciação do passado e a mobilização da memória seguem como foco de disputas (Koleva, 2020). Assim, nossa exposição será dividida em duas partes, para além desta breve introdução, iniciando com a imagem do Monumento Buzludzha e seguindo com uma discussão sobre monumento, memória e discurso.

1. A imagem



Fonte: acervo pessoal dos autores.

2. As palavras

2.1 Monumentos e memórias como discurso

A utilização de monumentos e prédios públicos como forma de legitimação política é um fenômeno notado desde a Antiguidade. O arqueólogo e egiptólogo Barry Kemp (2018), ao propor uma análise antropológica e sociológica do Egito Antigo, argumentou que a construção de grandes monumentos, como templos e pirâmides, dava materialidade à ordem cósmica na qual o poder faraônico se assentava. Tais monumentos eram fundamentais pois encenavam visual e espacialmente a estabilidade do mundo garantida pelo faraó, organizavam práticas-rituais que moldavam a experiência dos súditos, funcionavam como centros administrativos e econômicos do Estado e demonstravam sua capacidade de mobilizar recursos em grande escala.

No caso da Antiguidade Clássica, Paul Veyne (2015) analisa a centralidade do conceito de *evergetismo* (algo próximo à ideia atual de "benfeitor" ou "benfeitoria") como elemento organizador da sociedade, refletido diretamente na construção e manejo de monumentos públicos. Veyne afirma que no mundo greco-romano, parte significativa dos monumentos públicos não era financiada diretamente pelo Estado, mas por indivíduos ricos. Assim, a construção de templos, teatros e banhos públicos não era feita por mera generosidade, mas se configurava em uma estratégia política, visando garantir prestígio social e fomentar entre a população laços de gratidão e obrigação moral.

Analisando mais especificamente a Roma Imperial, Paul Zanker (1990) estuda a forma como o imperador Augusto utilizou imagens, monumentos, edifícios públicos e programas urbanísticos para construir uma nova ordem política, oriunda de um período de violentas guerras civis. Para Zanker essas imagens e monumentos conformavam um novo sistema de significados compartilhados, no qual a figura de Augusto era entendida como o restaurador da ordem e o fiador da prosperidade.

Os três estudos apresentados apontam para a utilização de construções monumentais como forma de demonstração de poder, seja no caso de um regime político centralizado (Kemp, 2018), no caso de um regime de viés oligárquico (Veyne, 2015) ou mesmo no caso da construção de um novo regime em busca de legitimidade (Zanker, 1990). De fato, a utilização de monumentos e prédios públicos, com o objetivo de mobilizar visual e performaticamente a população, parece ser ainda mais importante quando da instauração de novos regimes, principalmente quando ligados à ideia de nação.

Em seu estudo clássico, Benedict Anderson (2008) define a nação como uma "comunidade imaginada" pois, mesmo na ausência de um contato pessoal direto, os membros de determinada nação compartilham um sentimento de pertencimento comum, construído por intermédio de elementos culturais como a literatura e a imprensa, bem como os símbolos e os rituais. A literatura, marcadamente por meio da poesia e do romance histórico, cria uma experiência comum de tempo e espaço, oferecendo narrativas que permitam aos indivíduos imaginarem a si mesmos como parte de uma história coletiva. Nesse sentido, monumentos públicos podem ser entendidos como uma extensão material dessas narrativas, tornando visível e palpável a memória que a literatura ajudou a construir, inscrevendo no espaço urbano personagens, episódios e valores que dão suporte à identidade nacional.

O estudo de Anderson nos leva a pensar que no processo de *construção* da nação a articulação entre elementos materiais e imateriais é fundamental. Assim, nossa proposta é justamente avançar sobre essa perspectiva, argumentando que a articulação entre elementos imateriais (memória) e materiais (monumentos) pode ser entendida a partir da análise discursiva. Mais precisamente, nossa compreensão parte da ideia de que é por meio do discurso que a memória se materializa em monumentos públicos, que por sua vez contribuem para a conformação ou a transformação da própria memória, na medida em que seu significado pode ser reforçado ou deslocado de seu significante por meio do discurso.

Ao tratarmos da memória, deve-se salientar, não estamos nos referindo à memória individual, mas a memória construída, reforçada e disputada no campo da coletividade. Nesse sentido, seguimos as reflexões de Maurice Halbwachs (1990), para quem a memória não é um fenômeno individual, mas um processo socialmente estruturado, possível somente porque pertencemos a grupos mais amplos, como a família, a classe, a religião ou a nação. Assim, a memória é sempre memória coletiva, construída e sustentada por práticas, discursos e instituições que selecionam quais aspectos do passado serão lembrados e quais serão esquecidos. A memória, então, não reflete o passado em seu aspecto factual, mas o reorganiza conforme as necessidades presentes do grupo, dando coerência à identidade coletiva e orientando comportamentos e o próprio sentimento de pertencimento.

A relação entre espaço e memória foi discutida por Pierre Nora (1984). Para o autor "lugares de memória" são espaços nos quais uma comunidade deposita e cristaliza lembranças que já não vivem organizadamente na sociedade, mas que precisavam ser preservadas, ritualizadas e monumentalizadas para sustentar uma identidade coletiva. Os "lugares de memória" surgem quando a memória viva se enfraquece e o Estado, as instituições ou grupos sociais passam a criar suportes duráveis, como monumentos e museus, para fixar narrativas históricas e produzir continuidade imaginada entre passado e presente.

Todavia, ao mobilizar noções de espacialidade e memória, os monumentos públicos podem se tornar instáveis, fomentando disputas ao invés de consensos. Tal fenômeno pode ser observado mais diretamente em sociedades em transição. Daniela Koleva (2022) argumenta que a memória coletiva em sociedades pós-socialistas funciona como um arquipélago de lembranças fragmentadas, no qual diferentes grupos sociais buscam preservar narrativas, experiências e afetos que não são unificados em um discurso nacional coerente. Assim, longe de um patrimônio estável, a memória seria um conjunto dinâmico de práticas narrativas, disputas e silenciamentos que se distribuem de maneira desigual pelo espaço social.

Se a memória não é necessariamente estável ou coerente, o mesmo se pode pensar em relação ao espaço. Debatendo com a perspectiva de Halbwachs (1990) sobre o espaço como algo estável, um dos "quadros sociais da memória",

Setha Low (2000) argumenta que o espaço é na verdade um campo social no qual poder, identidade e memória se articulam de forma material e performativa. Sua análise sobre a *Plaza de la Constituición* na capital guatemalteca, pode ser utilizada para se pensar sobre os monumentos em sua dimensão material, como um espaço produzido por meio de práticas cotidianas, representações simbólicas e disputas políticas, ao invés de um elemento isolado do contexto social no qual está materialmente inserido. Assim, a instabilidade dos monumentos pode ser notada tanto em seu aspecto material quanto imaterial, pois memória e espaço ensejam conflitos e disputas, ao mesmo tempo em que deles são alvos.

A relação entre memórias e monumentos pode ser entendida também como uma forma de discurso, principalmente por se configurar como uma prática social que produz, organiza e estabiliza sentidos sobre o passado. Assim, um monumento, mais do que representar um evento ou personagem, seleciona e hierarquiza elementos da história, definindo o que deve ser lembrado e o que pode ser esquecido. Ao ocupar um espaço público, o monumento se torna um enunciado material que busca comunicar valores, orientar afetos e modelar experiências coletivas. Por um lado, como já vimos, a memória não é uma construção individual ou estável, mas um processo discursivo constantemente negociado, disputado e ritualizado. Tanto memória quanto monumento originam-se de disputas discursivas de diferentes grupos sociais que buscam assegurar e consolidar sua hegemonia por meio da materialização de ideias e

valores. Por outro lado, memórias e monumentos podem também fomentar conflitos, principalmente quando seus significados são disputados, transformando-os em signos polissêmicos. Nesse sentido, o monumento funcionaria como um mediador entre memória e poder, participando ativamente da construção de narrativas sociais, transformando meras lembranças em formas de ordenamento simbólico e político do espaço e da história.

A relação entre memória e poder pode ser analisada também como uma relação discursiva. Desta forma, autores da Análise Crítica do Discurso (ACD), ao proporem uma análise multidisciplinar e ampla do discurso, aqui entendido como uma prática social que produz significados, podem ser úteis na reflexão sobre memória e monumentos. Em linhas gerais, a ACD considera cada ato discursivo como a intersecção entre texto, prática discursiva e prática social, permitindo compreender como escolhas linguísticas ou materiais materializam ideologias e estruturam a forma de ver o mundo. Embora tradicionalmente aplicada a textos escritos, falados ou midiáticos, a ACD pode ser estendida para análise de monumentos, encarados como discursos materializados. Assim, elementos como forma, iconografia e localização de um momento comunicam narrativas sobre identidade, autoridade e memória coletiva. Nesse sentido, monumentos podem ser interpretados como textos sociais que atuam direta ou indiretamente na produção e legitimação de significados, revelando dinâmicas de poder inscritas na paisagem urbana.

Para Norman Fairclough (1989), o discurso é uma prática social que não apenas representa o mundo, mas também o constitui, moldando relações de poder, identidades e modos de agir. Em relação aos monumentos, esse enfoque permite tratá-los como discursos materializados e não só objetos estéticos. Além disso, a análise de Fairclough é importante por entender que os discursos - e para nós também os monumentos - não existem isoladamente pois fazem parte de redes amplas e práticas sociais e relações de poder. A partir de Teun Van Dijk (1998), outro autor importante da ACD, podemos entender os monumentos como dispositivos discursivos através dos quais grupos socialmente dominantes controlam a produção, a circulação e a interpretação da memória coletiva. Embora não sejam propriamente textos escritos, os monumentos podem ser encarados como enunciados materiais que conformam modelos mentais sobre o passado, estabilizando narrativas em benefício de determinadas elites políticas ou culturais.

A relação da construção de monumentos com o exercício e a demonstração de poder é percebida no processo de escolha do local no qual o monumento será instalado, assim como da decisão sobre quem ou o que será representado. Assim, os monumentos contribuem para a reprodução ideológica ao transformar escolhas históricas e disputas políticas em elementos aparentemente neutros e consensuais do espaço público.

2.2 O discurso monumental e as memórias em conflito

O Monumento Buzludzha foi construído em 1981 no cume da montanha de mesmo nome, localizada na região central da Bulgária. O edifício apresenta uma estrutura esférica de porte monumental, com uma torre anexa na qual se pode ver uma estrela vermelha. Internamente, as paredes são (ou eram, pois o interior do prédio está praticamente destruído) revestidas de mosaicos representando líderes comunistas e trabalhadores. A estrutura foi construída para servir como a sede simbólica e cerimonial do Partido Comunista Búlgaro, funcionando como local de congressos e reuniões partidárias. Sua dimensão e localização representariam tanto a monumentalidade e modernidade do poder socialista, quanto a presença física do Estado socialista sobre o território nacional. Em uma das visitas que fizemos ao local, um dos guias que nos acompanhava nos assegurou que a localização do prédio-monumento em um espaço elevado, visível de longe, tinha a intenção de mostrar à população búlgara que o Estado totalitário observava a todos. Embora a apropriação da ideia benthamiana do Panóptico possa agradar aos visitantes acadêmicos, a escolha do local parece se relacionar a outros simbolismos.

Segundo John D. Bell (1986) com a chegada dos comunistas ao poder em 1944, a narrativa oficial estabelecida foi a de que o movimento socialista no país teria se originado com uma assembleia clandestina, liderada por Dimitrar Blagoev, em 2 de agosto de 1891 no monte Buzludzha. Para Bell, embora a assembleia de 1891 tenha sido importante, o movimento socialista na Bulgária já existia antes dela. Ademais, a reunião foi realizada no contexto de um movimento social-democrata, e não propriamente comunista. Em linhas gerais, Bell (1986) defende que a história oficial do Partido exagera no papel de Buzludzha para construir simbolicamente um local sagrado para o movimento, criar narrativamente uma continuidade histórica direta entre Blagoev, o Partido Comunista e o Estado Socialista.

Além do local, outro aspecto simbolicamente importante é a data de inauguração do monumento. O ano de 1981, além do 90º aniversário da fundação do movimento socialista búlgaro, marca também o 1300º aniversário da fundação do Primeiro Império Búlgaro, um dos eixos da narrativa nacional búlgara (Crampton, 2005; Ilchev, 2005). Deve-se observar também que tais efemérides, bem como as discussões acerca de como celebrá-las, coincidem com o período no qual Lyudmila Zhikova, filha do ditador Todor Zhikov, esteve à frente do Comitê de Cultura (1975-1981). Esses aspectos históricos são fundamentais para se entender o discurso que informaria a construção do Monumento Buzludzha.

Durante o longo governo de Todor Zhikov (1954-1989), a Bulgária viveu um processo de estabilização autoritária marcado pela centralização política e pelo relativo desenvolvimento econômico, sobretudo por meio do apoio soviético, além de uma crescente mobilização de símbolos nacionais para legitimar o governo. A partir de meados dos anos 1970, Lyudmila Zhikova emerge como figura fundamental em tal processo, conduzindo um ambicioso projeto cultural que buscava redefinir a posição da Bulgária no mundo socialista e projetar a identidade nacional, aberta a intercâmbios internacionais e influências estéticas pouco ortodoxas.

Assim, enquanto Zhikov mantinha um governo de viés pragmático, voltado ao reforço da estabilidade interna e à fidelidade à União Soviética, Zhikova introduziu uma dimensão cultural expansiva, por meio de um experimento que tensionava, ao mesmo tempo que enriquecia, o projeto estatal. Ivanka Atanasova (2004) argumenta que Zhikova manifestou uma perspectiva heterodoxa dentro do bloco comunista, notadamente ao dar vazão ao misticismo e às artes simbólicas, contrariando o ateísmo e a racionalidade técnica, elementos centrais da filosofia política oficial de países definidos como socialistas. Nesse contexto, como mostra Theodora Dragostina (2021), o jubileu dos 1300 anos do Estado búlgaro seria o pretexto para uma enorme operação cultural e comemorativa que projetaria o país no cenário global por meio de exposições arqueológicas, festivais infantis, cooperação com a UNESCO e o uso disseminado da monumentalidade arquitetônica, como nos casos do Palácio Nacional de Cultura (NDK) em Sófia, o Monumento aos Fundadores do Estado Búlgaro em Shumen e o Monumento Buzludzha.

Dessa maneira, contrariando a visão de que os países socialistas do leste europeu e dos Balcãs eram meros satélites soviéticos, Dragostina (2021) argumenta que a Bulgária adotou uma estratégia ativa e sofisticada de diplomacia cultural por meio das artes, exposições, grandes celebrações públicas e a construção e valorização do patrimônio histórico nacional, cujo objetivo era conquistar visibilidade internacional e consolidar um prestígio simbólico. Desta maneira, o caráter "internacional" do discurso proposto pelo Monumento Buzludzha ganha uma nova dimensão pois, além de representar a filiação do socialismo búlgaro ao movimento socialista internacional, buscava veicular internacionalmente a imagem do país como algo único, não mero satélite soviético.

Com o fim do período socialista em 1989, monumentos como o Buzludzha se tornaram alvo de um intenso debate que envolvia não só o passado do país, mas também seu futuro, em um cenário já descrito como de crise da memória (Petrova, 2017). Casos emblemáticos são o do Mausoléu de Georgi Dimitrov, importante líder do movimento socialista internacional e primeiro presidente comunista do país, destruído após intenso debate e manobras políticas (Todorova, 2006) e o Monumento ao Exército Vermelho, parcialmente removido em 2023, também após amplo debate público, intervenções artísticas e atos de vandalismo (Belcheva, 2024)

3. Um balanço sobre discursos e memórias em crise

O Monumento Buzludzha, de incrível beleza e ousadia arquitetônica, conforma um discurso que busca concatenar narrativas distintas e aparentemente antitéticas, como tradição e modernidade, história nacional e internacional. Sua construção celebra tanto a fundação do Partido Comunista quanto a fundação do próprio Estado búlgaro. Conforme vimos, tais eventos são convenções que não necessariamente devem ser assumidos verdadeiramente como fundacionais, mas que servem para ancorar tanto a história do país quanto a do partido em um passado mais distante. Conforme discutido por Eric Hobsbawn e Terence Ranger (2012), a construção do discurso nacional moderno exige uma forma de legitimação histórica, uma espécie de enraizamento em um passado profundo. Em uma análise que se tornou clássica, os autores apontam como aspectos considerados tradicionais na história nacional são na verdade invenções modernas que visam estabelecer ou simbolizar a coesão social, legitimar instituições e hierarquias e fomentar comportamentos e valores desejados.

Tendo-se em vista as discussões sobre os monumentos no Egito Antigo, na Grécia e na Roma Imperial, podemos perceber no Monumento Buzludzha tanto a expressão do poder centralizado no partido comunista, quanto a manifestação dos valores de uma classe, uma vez que o partido se dizia justamente um representante da classe trabalhadora. A celebração era tanto do Estado, quanto do povo, entendido em sua manifestação como classe trabalhadora. Ademais, seu caráter duplo de monumento e espaço para reuniões, reforça sua dupla dimensão discursiva. Como monumento, ele estabelecia um discurso de unidade, grandiosidade e abertura ao futuro, enquanto como auditório, ele estabelecia um espaço no qual os discursos políticos eram feitos. Tem-se assim, um monumento que ao mesmo tempo em que se manifesta como um discurso, conforma o contexto no qual outros discursos serão veiculados.

A relação entre discurso e hegemonia também é perceptível. Como vimos, a partir de autores como Fairclough (1989), podemos entender como monumentos públicos podem ser compreendidos como formas materiais de discurso que participam da produção e manutenção da hegemonia. Em governos socialistas, como no caso da Bulgária, dada a centralidade do Partido Comunista, a conformação de um discurso hegemônico deveria se dar a partir dos debates e consensos estabelecidos no interior do próprio partido. Mesmo em contextos nos quais a figura de um líder, como o secretário-geral do partido, adquirisse prevalência sobre os demais quadros, a existência de congressos periódicos revela uma necessidade constante de buscar a legitimação do discurso oficial por meio da deliberação conjunta. Ao menos ao nível da aparência, o discurso oficial, com pretensões de hegemonia, deveria nascer do debate e não da mera imposição.

Outro aspecto a se notar é a percepção do monumento como um símbolo que liga a história presente do país a elementos tradicionais, dotando o partido de uma profundidade histórica, revelando suas raízes sociais e contribuindo para a formação de uma "sociedade imaginada" (Anderson, 2008). No caso do Partido Comunista Búlgaro, pode-se perceber a conformação de uma tripla ancoragem, pois sua formação estaria ligada à construção do socialismo no país, ao movimento socialista internacional e à própria fundação do Estado búlgaro. A complexidade discursiva de tal recurso está no fato de não haver uma linha

contínua que ligasse o passado ao presente, pois as três fontes de legitimidade não poderiam ser organizadas de maneira coerente. Isso porque o movimento socialista búlgaro, alegadamente revolucionário e modernizante, dificilmente poderia ser representado como uma continuidade de uma Bulgária medieval, ao mesmo tempo em que dar ênfase à construção do socialismo como um movimento internacional poderia abalar o caráter nacional do partido.

Além disso, deve-se observar que a própria arquitetura do monumento sugere a ideia de futuro, com uma construção que dificilmente poderia ser vista como relacionada ao que poderíamos denominar de arquitetura tradicional búlgara - notadamente em sua versão neo-bizantina e romântica – que foi a utilizada como projeto cultural e político no período da independência do país em finais do século XIX e começos do século XX (Kovachev, 2019) e que podemos considerar como uma das principais e mais consequentes tradições inventadas na história do país em termos arquitetônicos. O formato do monumento Buzludzha parece intencionalmente não fazer referência a qualquer construção já feita no país. Não por outro motivo, entre os interlocutores e colegas com os quais conversamos sobre o monumento, a referência mais corrente era a de um disco-voador. Estabelece-se assim uma tensão entre "topia" e "utopia", na qual o significante materializa o lugar de nascimento do partido no passado, ao mesmo tempo em que é conformado por elementos que apontam para um futuro inédito, fruto de algo ainda não experimentado, consubstanciado em uma espécie de arquitetura extraterrena. No campo do discurso, essa tensão entre "tópico" e "utópico" também aparece no argumento ainda hoje presente e que consiste na comparação entre o socialismo esperado e o chamado "socialismo real" – para não mencionarmos a já antiga polêmica entre socialistas utópicos e socialistas científicos.

Nesse sentido, o discurso mobilizado pelo monumento parece indicar uma ruptura com tudo que já foi dito e construído no país. Uma construção sem parâmetros históricos, apontando somente para um futuro, uma forma de abertura ao inédito e ainda não dito. Entretanto, a localização do monumento e os mosaicos de seu interior, remetem à tradição política à qual o Partido Comunista Búlgaro pretendia se filiar, seja ao movimento social-democrata nacional, seja ao movimento socialista internacional. A conformação de um discurso que conciliasse ao mesmo tempo tradição e modernidade, passado e

futuro, ineditismo e repetição, nacional e internacional, dificilmente resultaria em algo coerente. Diante da impossibilidade de manifestar de forma harmônica ideias tão antitéticas, a saída buscada foi a elaboração de um discurso que se materializasse em uma construção arquitetônica, na qual os elementos centrais da narrativa eram mostrados e sentidos, dada a impossibilidade de serem explicados e entendidos racionalmente.

Tal processo, que em sua criatividade visava conciliar aspectos contraditórios, não impediu que após o fim do período socialista em 1989 novas narrativas viessem à tona, mobilizando diferentes memórias sobre o passado – o que Koleva (2022) acertadamente denominou de "arquipélago de memórias". A herança socialista passou a ser disputada no plano discursivo-narrativo e no plano discursivo-patrimonial. No primeiro caso, um exemplo claro seriam as diferentes versões do evento de 9 de setembro de 1944 que levou os comunistas ao poder no país, entendido como uma "revolução" pela narrativa socialista e um "golpe" pela narrativa estabelecida posteriormente (Daskalov, 2011). No plano da forma do patrimônio material, muitos são os casos de monumentos na Bulgária, com destaque para o Buzludzha, que passaram a ser encarados como "patrimônios contestados" (Debruyne; Nazarska, 2004).

A multiplicidade de discursos sobre o que foi o período socialista também se reflete na forma como os monumentos são entendidos. Em conversas com acadêmicos e interlocutores que encontramos em nosso período de pesquisa na Bulgária, tal dissonância era constante. Além de discordâncias sobre a importância de mantê-los ou destruí-los, podemos notar que o precário estado de conservação de alguns monumentos também mobilizava diferentes memórias e discursos. Para alguns, a decadência dos monumentos representaria a decadência do regime comunista como um todo, donde eles deveriam ser removidos; para outros, a falta de conservação representava a crise do Estado búlgaro pós-comunista, incapaz de manter o patrimônio público nacional.

De maneira geral, podemos notar que o intenso debate sobre o manejo dos monumentos socialistas, dentre os quais o Buzludhza é um dos mais importantes, mobilizava discursos, afetos e memórias, relacionando-se não só com o passado do país, mas com o futuro possível e desejável. Essa transposição do monumento como um "texto", conformando o discurso oficial do partido, para uma função de "contexto", agindo como um elemento situacional que ajuda a

moldar formas de compreensão, reforçam a importância de se perceber que memória, discurso e monumentos são fenômenos que se articulam, exercendo um papel dinâmico na formação de identidades, fazendo-as um processo sempre em construção.

Considerações Finais

Neste artigo exploramos a possibilidade de se analisar monumentos públicos a partir das discussões sobre memória coletiva e teoria do discurso. Conforme se buscou demonstrar, memórias e monumentos públicos se entrelaçam e conformam formas de discurso, notadamente quando diante de um contexto de afirmação de uma ideologia política. Assim, significado e significante são mobilizados como discurso, visando sedimentar uma visão única de história, domesticar a memória coletiva e exercer uma espécie de controle hegemônico nos campos ideológico e material, pois a construção de monumentos também implica na reordenação do espaço físico das cidades.

Todavia, principalmente em momentos de crise e transição política, perspectivas divergentes de memória e narrativas históricas emergem, impactando tanto na maneira como os monumentos são lidos e interpretados no campo simbólico, como no modo como são manejados materialmente, como nos casos de vandalismo e destruição ou mesmo seu contrário, por meio de políticas de manutenção ou transformação física do monumento e seu entorno. De toda forma, memória, monumento e discursos conformam um processo sempre em curso, não algo acabado em si, pois se configuram como resultado de conflitos, ao mesmo tempo que também ensejam novas formas de disputas.

***Robson Lins Souza Damasio de Oliveira** é Doutorando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (PPGAS-USP). Graduado em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2011); em Ciências Econômicas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2017); em História pela Universidade de São Paulo (2015) e em Ciências Sociais pela USP (2014). Mestre em Antropologia Social pela USP. É membro do CANIBAL: Grupo de Antropologia do Sul e do Leste Globais.
Contato: robson.lins.oliveira@usp.br
Lattes: http://lattes.cnpq.br/9744747990340227
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-9150-8325

***Alinie Nascimento** é Graduanda no curso de Letras, com dupla habilitação (Português-Inglês), na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Contato: alinie.nascimento@usp.br
Lattes: http://lattes.cnpq.br/1636020164435315
Orcid: https://orcid.org/0009-0009-2906-3770

Recebido em: **26/11/2025**
Aprovado em: **20/05/2026**

Editor de texto: Diego da Silva Guimarães Queiroz
Editor-Chefe Discente: Sandro Adams

Como citar este texto: OLIVEIRA, Robson Lins Souza Damasio de; NASCIMENTO, Alinie. Discursos políticos, memórias e monumentos públicos socialistas na Bulgária: análise em uma imagem e mil palavras. **Perspectivas Sociais,** vol. 12, n. 02, e1230624, 2026.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ATANASOVA, Ivanka Nedeva. Lyudmila Zhikova and the Paradox of Ideology and Identity in Communist Bulgaria. **East European Politics and Societies and Cultures,** vol. 18, p. 278-315, 2004.

BELCHEVA, Ina. Liberation from the Liberators: (De)Construction of Narratives of the Monument to the Soviet Army in Sofia after 1989. In*:* ADAMOPOULOU, Areti; DROUMPOUKI (eds.). **Monuments of World War II:** Memory and Oblivion in the Balkans and Central-East Europe. Ioannina: University of Ioannina, 2024.

CRAMPTON, Richard J. **A Concise History of Bulgari***a.* Cambridge: Cambrigde University Press, 2005.

DASKALOV, Rumen. **Debating the Past. Modern Bulgarian History:** from Stambolov to Zhikov. Budapest: Central University Press, 2011.

DRAGOSTINOVA, Theodora. **The Cold War from the Margins:** a small socialist state on the global cultural scene. Ithaca: Cornell University Press, 2021.

DEBRUYNE, Nina; NAZARSKA, Georgeta. Contentious heritage spaces in post-communist Bulgaria: Contesting two monuments in Sofia. In: **Journal of Historical Geography**, vol.83*,* pp.176-190, 2024.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. New York: Longman Group, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (org.). **A Invenção das Tradições.** São Paulo: Paz e Terra, 2012.

ILCHEV, Ivan. **Rose of the Balkans:** a short history of Bulgaria. Sofia: Colibri, 2005.

KEMP, Barry J. **Ancient Egypt***:* Anatomy of a Civilization. Londres: Routledge, 2018.

KOLEVA, Daniela. **Memory Archipelago of the Communist Past**. London: Palmgrave MacMillan, 2022.

LOW, Setha. **On the Plaza:** The Politics of Public Space and Culture. Austin: University of Texas Press, 2000.

NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire** (tome 1- La République). Paris: Gallimard, 1984.

PETROVA, Miroslava. Crisis of the memory: two monuments from the socialist era today. **Synnyt / Origins***,* v. 2, p. 10-20, 2017.

VAN DIJK, Teun. **Ideology***:* A Multidisciplinary Approach. London: Sage Publications, 1998.

VEYNE, Paul. **Pão e Circo**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ZANKER, Paulo. **The Power of Images in the Age of Augustus**. Michigan: University of Michigan Press, 1990.